

## ENSINO DA ARTE E AFETIVIDADE - FERRAMENTAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

Célia Jesus dos Santos Silva (UESC – Ilhéus- BA-BR)

[celiaflorzinha@gmail.com](mailto:celiaflorzinha@gmail.com)

Genilda Alves Nascimento Melo (ISCE, Ramada- PORT)

[genilda2010@gmail.com](mailto:genilda2010@gmail.com)

Andreia Quinto dos Santos (UESB – Vitória da Conquista-BA-BR)

[andreia.quinto@hotmail.com](mailto:andreia.quinto@hotmail.com)

### RESUMO

Este trabalho é um relato de experiência vivida pelas autoras, desenvolvido no 3º trimestre do ano de 2017. As atividades envolveram estudantes do Ensino Médio que foram atendidos na Sala de Recursos Multifuncionais – SRM. A pesquisa **traz reflexões** sobre o ensino da arte como ferramenta na SRM e também na sala de aula, **objetivando** o desenvolvimento de indivíduos com deficiências no ensino. Considerando a valorização da arte dentro da escola, não apenas como uma disciplina curricular importante para o desenvolvimento cognitivo das crianças, mas principalmente, como instrumento de valor intrínseco a ser utilizado com alunos com deficiências, visto que a aprendizagem e a expressão artística são construídas por processos complexos que desenvolve a capacidade cognitiva do indivíduo.

Palavras-chaves: alunos, artes, ensino, deficiência, conhecimentos.

### 1. Introdução

A inclusão tem sido tema de diversos debates em âmbito nacional e prevê o pleno desenvolvimento de indivíduos com necessidades especiais em classes regulares do ensino, e a arte pode ser uma grande estratégia para o desenvolvimento, e, por isso mesmo a arte precisa ser mais valorizada dentro da escola, não apenas como uma disciplina curricular importante para o desenvolvimento cognitivo das crianças, mas principalmente, como uma ferramenta de valor a ser utilizado com crianças com deficiência.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) preveem que o estudante tenha um desenvolvimento ajustado de si mesmo, com sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de interrelação pessoal e de inserção social, para agir com segurança na busca do conhecimento e no exercício da cidadania. Antunes (2011) questiona se a Arte possibilita ao homem se encontrar ou se perder em seu caminho de conhecimento, mas concluiu que a Arte é um caminho que possibilita entrar em outras dimensões da própria alma; além da razão vê outros canais para compreensão do mundo exterior. Duarte Junior (1981) mostra que a Arte tem função pedagógica, visto que na relação com obras de arte diversas, o aluno adquire conhecimento de outras culturas e compartilha com elas. A Educação, em seu valor estético, deve permitir ao aluno reflexões sobre os valores e os sentidos de sua ação em seu meio cultural, de forma coerente, harmoniosa entre o sentir, o pensar e o fazer. Essas experiências são possíveis no fazer artístico.

A humanidade sempre sentiu o desejo de expressar suas ideias, pensamentos e sua época, utilizando-se de formas variadas para fazer esse registro, e a Arte foi a forma mais comumente utilizada. Podemos verificar os primeiros registros ainda nos primórdios da humanidade sendo feitos nas paredes das cavernas, mostrando a forma de viver e de se organizar como Guerra afirma:

Na caverna enveredando por seus corredores, os primeiros artistas fizeram graffiti usando como suporte as formas das estruturas rochosas, dissolvendo pigmentos na boca e soprando-os em jatos como se fosse spray, eles pintaram traço- a -traço desenharam a expressão dos movimentos de mamutes, bisões e outros animais (GUERRA, 1998, p..35).

A Arte pode torna-se ferramenta imprescindível para tornar a convivência das pessoas respeitando seus direitos e despertando suas potencialidades. A importância da Arte está descrita na LDB de forma que se coadunam com os objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais que diz:

“a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação de aprender, pois a arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e

refletir sobre eles. Envolve também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas. Para tanto, a escola deve saber aproveitar a diversidade de recursos humanos e materiais disponíveis na comunidade em que ela esteja inserida, a fim de que o aluno, ao longo da escolaridade tenha a oportunidade de vivenciar o maior número de formas de arte”. (BRASIL, 1993, p.15).

A Arte é um meio natural do indivíduo compartilhar as coisas com o outro, ela pode revelar o eu interior mais através do desenho do que por palavras, isso pode ocorrer tanto com uma criança com ou sem deficiência (REILY, 1986; ATTACK, 1995).

A Arte na escola pode contribuir em muito para o exercício da cidadania, pois de forma lúdica e criativa ela desenvolve nos educandos vivências significativas que o leva a participar da vida escolar de forma crítica, aperfeiçoando suas qualidades.

O objetivo principal, ao trabalhar com alunos com deficiência no contexto escolar, é perceber as habilidades e necessidades de cada um, para que seja possível fazer as adaptações aos recursos e estratégias de ensino e, assim, facilitar e propiciar a aprendizagem. A Arte compreende um universo amplo de múltiplas formas de linguagem, o que podem vir a oferecer diferentes formas de comunicação, oportunidades de expressão, meio de auto-afirmação, contribuindo para o desenvolvimento da criatividade, e favorecendo a socialização.

## **2.O ensino de arte na perspectiva da inclusão**

A inclusão escolar prevê a inserção total de indivíduos em classes regulares de ensino independente de suas condições físicas, cognitivas, étnica, econômica ou religiosa. Isto representa um grande avanço, porém os desafios são inúmeros e aos poucos vão sendo dirimidos. Sendo assim, é necessário que o professor encontre meios ou ferramentas que possam integrar e despertar o interesse do indivíduo com deficiência no contexto escolar, pois de acordo com o MEC,

as adaptações curriculares são: Respostas educativas que devem ser dadas pelo sistema educacional, de forma a favorecer a todos os alunos e dentre estes, os que apresentam necessidades educacionais especiais: a) de acesso ao currículo; b) de participação integral, efetiva e bem-sucedida em uma programação escolar tão comum quanto possível; (BRASIL, 2000, p. 7)

Com o advento da Declaração de Salamanca em 1994, a noção de necessidades educacionais especiais foi amplamente divulgada e o foco da educação especial passou a ser as características individuais do aluno no ambiente escolar, o que traz ao ensino regular o grande desafio de acolher as diferenças. Esta declaração aponta ainda para o direito e a oportunidade de ensino para todas as pessoas, pois a escola é o “lugar onde todas as crianças devem aprender juntas sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter” (Declaração de Salamanca, 1994, p. 101).

A Declaração de Salamanca convoca a escola a oferecer uma educação de qualidade “como direito da população que impõe aos sistemas escolares a organização de uma diversidade de recursos educacionais” (Sousa, Prieto, 2002, p.125). Assim, compete à escola transformar os padrões homogêneos que sempre teve para atender as idiossincrasias de todos os indivíduos.

Com a educação inclusiva, a escola tem o compromisso de formalizar a educação especial com propostas pedagógicas que atenda as especificidades explicitadas na Lei 10.175 (BRASIL,2001, capítulo 8) que aponta como necessidades especiais do indivíduo, qualquer impedimento de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial:

A educação especial se destina a pessoas com necessidades especiais no campo da aprendizagem, originadas quer de deficiência física, sensorial, mental ou múltipla, quer de características como de altas habilidades, superdotação ou talentos.(BRASIL,2001, capítulo 8)

A escola é o espaço privilegiado onde deve ocorrer a inclusão, visto que é o espaço onde se propaga e se dissemina o conhecimento. Então saber respeitar e aceitar as diferenças é sua responsabilidade, para que seja verdadeiramente uma escola de qualidade, uma instituição inclusiva, pois:

O paradigma da inclusão social consiste em tornarmos a sociedade toda, um lugar viável para a convivência entre pessoas de todos os

tipos e condições na realização de seus direitos, necessidades e potencialidades (SASSAKI, 2004, p.16).

Vemos assim, que a inclusão não se restringe apenas ao tratamento dado às pessoas com deficiência, mas é sobretudo, o respeito ao direito individual de cada cidadão. Inclusão é garantir que o indivíduo seja tratado normalmente como ser humano que ele é. Respeitar as necessidades de cada indivíduo é a exigência para uma educação inclusiva e segundo Jannuzi:

Em vez de focalizar a deficiência da pessoa, enfatiza o ensino e a escola, bem como as formas e condições de aprendizagem; em vez de procurar, no aluno, a origem de um problema, define-se pelo tipo de resposta educativa e de recursos de apoio que a escola pode proporcionar-lhe para que obtenha sucesso escolar; por fim, em vez de pressupor que o aluno deve ajustar-se a padrões de “normalidade” para aprender, aponta para a escola o desafio de ajustar-se para atender a diversidade de seus alunos (JANNUZZI, 2004, p. 187-188).

O aluno com necessidades educacionais especiais tem o direito de ser igual, de ser tratado como os outros e de não ser excluído, mas também precisa da atenção necessária para desenvolver suas potencialidades, Mantoan aponta para a realidade do aluno que apresenta alguma deficiência no ambiente escolar:

Problemas conceituais, de respeito a preceitos constitucionais, interpretações tendenciosas de nossa legislação educacional, distorcem o sentido da inclusão escolar, reduzindo-a unicamente à inserção de alunos com deficiência no ensino regular, e são de nosso ponto de vista as maiores barreiras a serem enfrentadas pelos que defendem a inclusão escolar (MANTOAN, 2004. p. 113).

O desenvolvimento humano, só poderá ser atingido pelo aluno com deficiência, se for não só garantido pela Constituição, mas respeitado pelas instituições de ensino, pelas pessoas que fazem parte da comunidade escolar, visto que é um direito garantido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20.12.1996) em seu artigo 4º, inciso III ao estabelecer que é dever do Estado garantir “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”.

## 2.1. Importância da afetividade na aprendizagem

O homem sempre foi considerado um ser dividido entre razão e emoção, uma concepção dualística, segundo a tradição secular. Segundo esta concepção a razão era considerada a dimensão mais importante até o século XX. Nesta perspectiva a aprendizagem era considerada como produto exclusivo da inteligência formal.

Alguns autores hoje em dia, como Wallon (1968) situam a emoção como base do processo de desenvolvimento humano, passando da concepção dualista para a concepção monista, em que a afetividade e a cognição passaram a ser vistas como dimensões indissociáveis e partes do mesmo processo.

O termo afetividade tem sido objeto de muitos estudos por autores geralmente vinculados à área da psicologia como Damásio (1995), Almeida (1997), Dantas (1992). Leite (2012) discute o emprego do termo nas práticas pedagógicas do professor em sala de aula. O termo afetividade é definido de diversas maneiras, mas de modo geral é relacionado a emoção, estado de humor, motivação, sentimento, paixão, dentre outros.

Os estudos de Wallon (1968) e Vygotsky (1963) desenvolveram teorias que demonstram o papel da afetividade no processo de desenvolvimento humano. Leite (2012, p. ) afirma que para Wallon “o desenvolvimento é um processo de construção em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva”. A teoria de Wallon preconiza o estudo integrado do desenvolvimento abrangendo os campos da afetividade, motricidade e inteligência.

Alguns estudiosos hoje situam a emoção como base do processo de desenvolvimento humano e a relação sujeito-objeto-mediação é marcada pelas dimensões afetivas, o que nos permite a crença de que “a qualidade da relação que se estabelece entre sujeito e objeto, é também de natureza afetiva e depende da qualidade da história de mediações vivenciadas pelo sujeito em relação ao objeto”. (LEITE, 2006 p. 18).

As interações que ocorrem no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos. Por isso, a afetividade tem grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelece entre os sujeitos no ambiente

escolar. Ela não se restringe ao embate professor/aluno, mas envolve todas as etapas do processo pedagógico.

Piaget por sua vez, estudou o desenvolvimento epistemológico do homem, ou seja, como se constrói o conhecimento humano. Para ele toda conduta tem um aspecto cognitivo e um afetivo, e um não funciona sem o outro. Ele explicita o tema afetividade, na sua teoria do desenvolvimento cognitivo. Piaget (1976, p. 16) afirma que:

o afeto é essencial para o funcionamento da inteligência. (...) vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão.

Para Piaget sem afeto não há interesse nem motivação por parte do sujeito para aprender, não há questionamentos nem desenvolvimento mental. Afetividade e cognição são duas atividades que se complementam. Ainda segundo esse autor é o afeto que acelera o desenvolvimento das estruturas quando há interesse e necessidade por parte do sujeito, e de igual forma, pode retardá-lo quando não há uma situação afetiva favorável ao desenvolvimento.

Não podemos dissociar o ensino em sala de aula da afetividade, pois é ela que irá permear, facilitar ou obstruir a relação aluno com a aprendizagem, visto que o afeto é fundamental para a aprendizagem em qualquer disciplina.

### 3. Metodologia

O uso do método qualitativo, onde o campo de pesquisa é um recorte espacial de acordo com a olhar do pesquisador, mas que é ocupado por pessoas que vivem em uma dinâmica social, portanto sujeito de uma construção histórica a ser investigada. Dessa forma, precisa de uma construção teórica peculiar para transformá-los em objeto de estudo, em que o campo se torna espaço de interações entre pesquisador e o grupo

estudado, isto implica na relação de mutualidade, a fim de que haja resultados válidos (Minayo, 2010).

A aplicação do projeto se deu através de oficinas, observando etapas. 1º momento: Conhecimento de quem sou eu, e como me vejo, para isso foi aplicada uma dinâmica das qualidades, com o objetivo de fazer o aluno enxergar as suas qualidades, ela consistem em: elencar 20 qualidades, depois eliminar a metade menos importante, em seguida elimina do que restou a metade menos importante, novamente elimina-se a metade menos importante, até que sobrem apenas três qualidades e o aluno escolhe dentre elas aquela que o define como pessoa e em seguida abre-se uma conversa onde cada participante mostra qual é a qualidade que o define e explica o porquê.

2º momento: Conhecimento da biografia do pintor Romero Brito – análise e discussão;

3º momento: Estudo de formas geométricas da POP ART- análise e percepção de que é possível desenhar, utilizando formas geométricas, mesmo não tendo conhecimento técnico sobre desenho;

4º momento: estudo sobre cores – primárias, secundárias e combinações possíveis no trabalho com a arte;

5º momento: orientação sobre o uso da tinta acrílica – experimentos;

6º momento: treino com desenhos geométricos no caderno do aluno;

7º momento: rabiscos em tela para formação de desenhos geométricos em caráter definitivo;

8º momento: a pintura em tela – solidificação de uma imagem;

9º momento: avaliação dos trabalhos pelos alunos, onde eles discutiram as dificuldades na produção, mas que é possível ser artista, mesmo não tendo uma predisposição direta para a arte;

10º momento: exposição dos trabalhos para a comunidade escolar.

Durante a aplicação do projeto foi possível perceber o envolvimento dos alunos nas atividades propostas, pois eles aprenderam no primeiro momento sobre a biografia de Romero Brito e sobre o movimento artístico conhecido como Pop Art e ficaram encantados com o uso das formas geométricas no desenho. Ficaram encantados também com o uso e a mistura de cores e uso delas na ilusão de ótica possível com as formas geométricas e jogo de cores, para isso fizemos uso de tinta acrílica, misturando e



mostrando a importância das cores e principalmente do branco para a formação de novas cores e de luz no desenho.

Fizemos releituras de trabalhos de Romero Brito, através de desenhos dos próprios alunos utilizando-se formas geométrica, através de objetos em formas de esfera, triângulo, quadrado e retângulos e da própria régua, do compasso e do esquadro foi possível fazermos desenhos variados. No momento seguinte partimos para o desenho na tela, e em seguida para a pintura através de tinta acrílica e pincéis.

No final da atividade pudemos perceber o papel da afetividade para o desenvolvimento do trabalho, pois quando começaram a atividade eles afirmavam que não conseguiriam desenhar pois não sabiam, mas fizemos um trabalho de elevar a autoestima deles valorizando cada traço, cada acerto, cada conquista até que começaram a perceber a sua capacidade e mostraram-se realizados com os trabalhos não queriam sair da sala SEM, e ao final do trabalho eles pediam para mostrar os trabalhos aos outros professores.

#### **4. Considerações**

A arte na atualidade, reconhecidamente, contribui para a formação da identidade do indivíduo, pois que a função da Arte na escola é levar o aluno a expressar o modo de ver o mundo nas linguagens artísticas, dando forma e colorido para a imaginação, favorecendo a construção de significados, conhecimentos e valores, pelos alunos.

Arte pode ser trabalhada em sala de aula, ou na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), com alunos com ou sem deficiência, partindo de conteúdos do currículo de cada série, ou de conteúdos adequados à realidade dos alunos. E pode também se constituir num processo extremamente elaborado, cabendo ao professor um conhecimento mais amplo de metodologia, evitando as formas tradicionais mecânicas e repetitivas de conteúdos. Enfim, a Arte possibilita a apreensão de diversos conhecimentos e, quanto mais ampla for a visão dos educadores a esse respeito, mais fácil e significativo será o trabalho com a diversidade.

A vivência prática de atividades que contemplem a linguagem artística de artes visuais como pintura e desenho, devem ser levadas em conta como pressuposto básico para o desenvolvimento da compreensão verbal das atividades propostas em sala de

aula. Pois, contribuem para o desenvolvimento do aluno com deficiência visto que esse tipo de atividade auxiliam no processo de construção de uma identidade positiva por parte de todos os alunos, aumentando sua auto-estima, melhorando as suas condições cognitivas, conseqüentemente, a linguagem comunicativa, bem como, ajudando os alunos com ou sem deficiência a aprender a se relacionar positivamente com as pessoas no contexto da diversidade

Foi observado um considerado aumento na produtividade dos alunos participantes do projeto arte na SRM, pois eles se mostraram livres e totalmente à vontade para usar tintas e pincéis. Participaram de forma envolvente nas atividades que a princípio afirmaram que não conseguiriam fazer. Contudo, fomos demonstrando a eles com muita afetividade e conquistando-lhes a confiança que eles eram capazes de realizar as atividades propostas.

Observamos o importante papel da afetividade nas interações sociais no contexto que pode contribuir significativamente para o desenvolvimento cognitivo do aluno com deficiência, tanto a afetividade entre os sujeitos (aluno-professor), quanto entre os variados objetos de conhecimentos (as diversas disciplinas), em especial no ensino de Arte.

A Arte pode contribuir significativamente para o desenvolvimento cognitivo de alunos com deficiência, ajudando-os no desempenho de habilidades artísticas e conseqüentemente para a interação do aluno no contexto escolar, com afetividade e autonomia na aprendizagem.

## 5.REFERÊNCIAS

BRASIL, **Secretaria de Educação Especial**. Brasília 2005.

BRASIL. **Ministério da Educação. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação na educação básica.**Secretaria de Educação Especial. Mec: SEESP, 2001.

BRASIL, **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial**. Projeto Escola Viva: Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola - Alunos com necessidades educacionais especiais, Brasília: MEC/SEESP, 2000, vol. 6.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei Federal nº. 9.394, de 20.12.1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm). Acesso em: 12.09.2018.

BRASIL, **Ministério da Educação, Cultura e do Desporto**. Secretaria do Ensino Fundamental. SEF. Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes. 1993.

DAMÁSIO, António R., **O Erro de Descartes. Emoção, Razão e Cérebro Humano**, 12ª edição, Lisboa, Publicações Europa-América, 1995, (col. Forum da Ciência, 29).

**DECLARAÇÃO DE SALAMANCA E LINHA DE AÇÃO SOBRE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS**. Brasília: Corde, 1994.

JANNUZZI, Gilberta. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva [org]. **Afetividade e práticas pedagógicas**. 1ª ed. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Egler (org.). **Caminhos pedagógicos da inclusão: como estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas escolas brasileiras**. São Paulo: Memnon, 2001. 243 p.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Memnon, 1997.

OLIVEIRA, M.K. História, arte e educação: a importância da arte na educação inclusiva. In: BAPTISTA, C.R.; CAIADO, K.R.M.; JESUS, D.M. **Educação Especial: diálogo e pluralidade**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

REILY, L. História, arte, educação: reflexões para a prática de arte na educação especial. In: BAPTISTA, C.R.; CAIADO, K.R.M.; JESUS, D.M. **Educação Especial: diálogo e pluralidade**. Porto Alegre: Mediação, 2008. p.221-266.

SOUSA, Sandra Maria Zákia Lian e PRIETO, Rosângela Gavioli. A educação especial. In: OLIVEIRA, Romualdo Portela de e ADRIÃO, Theresa (orgs.). **Organização do ensino no Brasil**. São Paulo: Xamã, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WALLON, H.